



VIZÃO HORROROSA.

1

Se n'um horrendo carcere
Tem o malfetor gemido,
Attacado dos remorsos
Pelo crime committido.

2

Se o Diogo Alves,
Gemeu encarcerado;
Foi o fructo que colheu
Do seu grande atentado.

3

Oh? que crime horroroso
Vimos nós nesta Cidade!
Tres gallegos commetterão
Tão grande atrocidade.

4

Diogo Alves, o Martins,
O segundo foi o autor,
O creado do Medico
E tambem o enterrador.

5

Este não foi enforcado,
Pois quanto fez e obrou,
Foi por grande estupidez
E porque tudo confessou.

6

Uma tal barbaridade
A outras muitas excedeu,
Mas pouco tempo depois
Outra maior appareceu.

7

Mattos Lobo, homem fino,
Os catros muito differentes;
Alves, mata os estranhos,
Lobo, mata os parentes!

8

Diogo, foi assassino
E la irão de profissão,
Mattos foi bem educado
Matou por alucinação.

9

A estes horrendos casos
Temos outro a juntar,
Uma filha que ajuda
A sua mãe assassinar.

10

Vós ó mãis descuidadas
Que as filhas relaxaes,
Olhai para este facto
Vêde o que esperaes.

11

Agora por conclusão
Desta eterna verdade,
Figuramos uma vizão
Toda de moralidade.

12

Estava Maria José
Em um carcere fechada,
No escuro d'alta noite
N'uma enxerga deitada.

13

Essa presença d'espírito
Que tanto tem ostentado,
D' noite entre as trevas
Tinha a desamparado.

14

Deitada n'uma enxerga
Como acabo de dizer,
Dezjava de dormir
Mas não pôde adormecer.

15

Vendo aquellas paredes,
O tecto en-negrecido,
Começou a imaginar
No que tinha committido.

16

E isto é mui natural,
Na prisão o criminoso
Como sabe o mal que fez
Está sempre receoso.

17

Essa moça estouvada
Então foi que lhe lembrou,
O corpo espedaçado
Em cujo ventre se gerou.

18

Apenas n'isto pensava
Derepente estremeceu,
D'um mirrado esqueleto
Que alli lhe appareceu.

19

Ficando espavorida
De vêr naquella logar,
A tão estranha figura
Que a vinha visitar.

20

Quando uma voz ouviu
Que assim lhe bradou,
Conheces esta cabeça?
E queres saber quem eu sou?

21

A sombra de Mattos Lobo,
Que está defronte de ti;
Quiz vêr uma criminoza
Que me excedeu a mim!

22

Eu fui barbaro e cruel,
Quatro forão que matei,
Tres erão minhas parentas
Mas não foi á minha mãe.

23

Dissestes que não matastes.
Decerto ignoras a Lei,
Fizestes ainda peor
Do que eu mesmo, que matei.

24

As Ordenações do Reino
E' que te háo dem castigar,
Diz lá em um Capitulo
Morra quem mandar matar.

25

Se o Martins, do Celleiro
Não tendo n'quem matado,
Sendo só autor do crime
Foi por isso enforcado.

26

Ora pensa tu lá bem,
Se acaso sabes pensar;
No inorme crime que tens
E no que deves esperar.

27

Dos homens a maldição,
De Deos, nada ditei;
Da Justiga só esperas
O mesmo que en esperei.

28

Não te fias em seres mulher
Que não vais a enforçar,
Olha que esse Decreto
Tambem se pôde revogar.

29

Um suspiro doloroso
Deu a infeliz desgraçada,
Quando lhe disse o phantasma
Que seria enforcada.

30

A chorar, e soluçando
Disse aquella malvada,
A defuncta tem a culpa
De eu ser tão desgraçada.

31

Se uma má educação
Me trouxe a este lugar,
Esperem saber a causa
Quando eu a confessar.

32

Accorda deste letargo
Pois não tinha adormecido,
Não vio o esqueleto
Tinha desaparecido.



VINDICATIO

[The text in this section is extremely faint and illegible, appearing as ghostly impressions of a printed document.]

42